

ANÁLISE PSICANALÍTICA ACERCA DA INFLUÊNCIA DO PAI AUSENTE NA FORMAÇÃO DE FANTASIAS E EXPECTATIVAS AMOROSAS NA IDADE ADULTA¹

PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE INFLUENCE OF THE ABSENT FATHER ON THE FORMATION OF FANTASIES AND LOVE EXPECTATIONS IN ADULTHOOD

Larissa Cristina Braga Balduino²

Luiza Barbosa Silva³

Sarah Akilla Alves Siqueira Marques⁴

Renata Giordane Silva Diniz⁵

Resumo: Este estudo investiga os efeitos do abandono paterno na construção do imaginário relacional de adultos, com base na teoria psicanalítica. Cerca de 30% das crianças brasileiras vivem sem a presença do pai, o que impacta o desenvolvimento emocional e relacional, especialmente na infância e adolescência. A psicanálise destaca a figura paterna como central na constituição psíquica, sendo sua ausência associada à fragilidade do superego, dificuldade na internalização de normas e em vínculos afetivos. Teóricos como Freud, Klein, Winnicott e Lacan sustentam essa visão. Estudos empíricos reforçam essa relação, apontando baixa autoestima e padrões disfuncionais em relacionamentos amorosos. A pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva, com revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, e análise de conteúdo. Os resultados revelam que o abandono paterno gera uma “lacuna psíquica” que afeta a identidade e as relações interpessoais. Indivíduos tendem a idealizar parceiros como figuras paternas substitutas, repetindo padrões afetivos disfuncionais. O estudo contribui para a compreensão dos impactos da ausência paterna e oferece subsídios para intervenções terapêuticas e estratégias de apoio que favoreçam relações mais saudáveis.

Palavras-chave: Abandono paterno. Psicanálise. Vínculos amorosos. Identidade. Fantasia.

Abstract: This study investigates the effects of father abandonment on the development of adults' relational imagination, based on psychoanalytic theory. Father abandonment is a significant social phenomenon, with about 30% of Brazilian children living in households without their fathers. Psychoanalysis provides an in-depth understanding of this issue, emphasizing the fundamental role of the paternal figure in the subject's psychic constitution. The methodology used was qualitative, exploratory, and descriptive, with a bibliographic review of specialized academic sources. Data analysis followed the content analysis technique. The results show that paternal absence interferes with identity formation and relationships, leading to idealizations and dysfunctional patterns in romantic bonds. This study contributes to therapeutic interventions aimed at fostering healthier affective relationships.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação – UNA Barreiro. 2025.

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação - UNA Barreiro. E-mail: eduardarochapsicologa@gmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação - UNA Barreiro. E-mail: luizabarbosasilvalu@gmail.com.

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação - UNA Barreiro. E-mail: eduardarochapsicologa@gmail.com.

⁵ Professora Orientadora. Mestre em Educação Tecnológica. E-mail: renata.giordane@prof.una.br

Keywords: Paternal abandonment. Psychoanalysis. Love bonds. Identity. Fantasy.

1 INTRODUÇÃO

O abandono paterno é um fenômeno que permeia a realidade de milhões de indivíduos ao redor do mundo, configurando-se como um problema social de grandes proporções, especialmente no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 30% das crianças no país vivem em lares onde o pai está ausente, seja por separação, falecimento ou abandono. A ausência paterna pode ser relacionada a diversos fatores socioculturais, como a fragilidade das estruturas familiares contemporâneas, a dissolução do casamento, a pobreza e a desigualdade social, que favorecem a desestruturação do núcleo familiar e a negligência das responsabilidades parentais (IBGE, 2017).

Embora o abandono paterno tenha inicialmente um caráter estrutural, suas consequências psíquicas e emocionais são profundas e atravessam diferentes esferas do desenvolvimento humano, gerando impactos significativos nas relações interpessoais e afetivas ao longo da vida (Santos, 2015). A ausência da figura paterna, especialmente durante a infância e a adolescência, repercute diretamente no processo de socialização, comprometendo o desenvolvimento subjetivo, a construção de vínculos seguros e a elaboração de uma visão afetiva equilibrada sobre o amor e os relacionamentos na vida adulta (Souza; Bezerra, 2020).

Trata-se de uma temática de grande relevância no campo da psicanálise e da psicologia, com implicações diretas no desenvolvimento emocional e relacional dos sujeitos. A figura paterna, tradicionalmente associada à função normativa e à mediação nas relações intrafamiliares, quando ausente, está vinculada a uma série de desafios emocionais e comportamentais, conforme apontado por Winnicott (1975).

De acordo com teóricos psicanalíticos como Sigmund Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott, a ausência do pai pode comprometer a formação do superego, a internalização das normas sociais e, conseqüentemente, a construção de vínculos afetivos saudáveis. Freud (1923), ao formular sua teoria sobre o superego, destaca o papel da figura paterna na mediação entre os impulsos e a moralidade. Klein (1991), por sua vez, enfatiza a importância das figuras parentais na constituição do eu e do superego, considerando suas funções estruturantes. Além desses, teóricos contemporâneos como Jacques Lacan e John Bowlby ampliam essa discussão ao explorar como a ausência paterna interfere nas dinâmicas do desejo, da linguagem e na formação de padrões de apego.

Na teoria psicanalítica, o pai desempenha um papel central no processo de constituição psíquica do sujeito. Freud (1996a) concebe a função paterna como essencial para a organização do psiquismo infantil, atribuindo-lhe a responsabilidade de mediar o desejo e introduzir as normas sociais, o que possibilita a estruturação do sujeito no universo simbólico. De forma complementar, Lacan (2002) associa a presença do pai à constituição do nome-do-pai, conceito que representa a instância mediadora que inscreve o sujeito na ordem simbólica da linguagem e das leis sociais. Na ausência dessa figura, o indivíduo pode ocupar posições psíquicas instáveis, favorecendo a repetição de padrões distorcidos de desejo e de vínculo.

A psicanálise também destaca os impactos do abandono paterno no desenvolvimento emocional e afetivo. Winnicott (1965) enfatiza a importância das figuras parentais na construção de um self coeso e seguro. Quando essa função é falha ou ausente, especialmente no que diz respeito à figura paterna, a capacidade do sujeito de formar um senso sólido de identidade pode ser comprometida, afetando diretamente suas relações afetivas e sua forma de experienciar o amor e a intimidade na vida adulta. Frequentemente, indivíduos que cresceram sem a presença paterna ou com figuras paternas negligentes enfrentam dificuldades na formação de vínculos saudáveis, sendo guiados por fantasias e expectativas idealizadas sobre o amor, o que os leva a reproduzir modelos disfuncionais nas relações amorosas.

Além dos aportes teóricos, estudos empíricos têm investigado os efeitos da ausência paterna no desenvolvimento psicológico e comportamental. Barrense e Gomes (2024) observaram que adolescentes e adultos que vivenciaram o abandono paterno tendem a apresentar dificuldades emocionais mais evidentes, como baixa autoestima, dificuldades em confiar nos outros e medo constante de rejeição. Essa insegurança emocional se reflete na formação de vínculos afetivos disfuncionais, sendo comum a idealização do parceiro e a busca por figuras substitutivas que assumam simbolicamente o papel do pai ausente (Barrense; Gomes, 2024). Esses padrões favorecem a repetição de relações amorosas problemáticas, nas quais a figura do outro é projetada como tentativa de preencher o vazio simbólico deixado pela ausência paterna (Damiani, 2014; Cherer; Ferrari; Piccinini, 2017).

Schwartz (2023), em seu estudo “O efeito da ausência do pai nas filhas: desejo paterno, ferida paterna”, aprofunda a discussão sobre os impactos emocionais da ausência paterna no desenvolvimento das filhas. A autora argumenta que a falta dessa figura gera uma ferida emocional significativa, que interfere na formação da identidade e influencia diretamente as dinâmicas amorosas na vida adulta. Segundo Schwartz, esse vazio psíquico é frequentemente preenchido por projeções idealizadas sobre os parceiros, o que leva a uma busca contínua por modelos afetivos substitutivos (Schwartz, 2023).

A ausência física e afetiva do pai também é analisada por Damiani (2014), que investiga os efeitos desse fenômeno na percepção que filhos adultos desenvolvem sobre suas próprias relações. A autora destaca que o vazio deixado pela figura paterna tende a ser projetado nas dinâmicas amorosas, gerando fantasias e expectativas idealizadas em relação ao parceiro. Tal padrão compromete a formação de vínculos afetivos saudáveis, produzindo repercussões significativas nas relações amorosas ao longo da vida adulta (Damiani, 2014).

Diante desse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo investigar, sob a ótica da psicanálise, os efeitos do abandono paterno na construção do imaginário relacional de adultos, analisando de que modo a ausência dessa figura interfere no desenvolvimento emocional e nas dinâmicas afetivas ao longo da vida. Entre os objetivos específicos, busca-se compreender como a ausência paterna influencia as fantasias e expectativas dos indivíduos em relação ao amor, bem como examinar as configurações afetivas presentes em suas relações amorosas. O estudo também se propõe a analisar como os traumas relacionados ao abandono paterno são internalizados e reverberam ao longo da trajetória psíquica, refletindo-se nas escolhas afetivas e nos padrões de vínculo estabelecidos.

A abordagem psicanalítica sustenta teoricamente esta investigação, com base nos estudos de Freud, Lacan e Winnicott. Freud (1996a) concebe a função paterna como mediadora do desejo e das normas sociais, sendo fundamental para a organização do psiquismo. Lacan (2002), por sua vez, aprofunda essa compreensão ao abordar a função simbólica do pai e os efeitos psíquicos gerados por sua ausência, sobretudo na constituição do sujeito no campo da linguagem. Já Winnicott (1965) destaca a importância do "holding" e do "espelho" parental na constituição de um self integrado, ressaltando como a ausência paterna pode comprometer essa experiência formadora. Com base nessas contribuições, este estudo pretende colaborar com a compreensão das complexas dinâmicas emocionais e afetivas decorrentes da ausência paterna e de suas repercussões nos vínculos amorosos. Ao final, espera-se que os resultados da pesquisa ofereçam subsídios teóricos e clínicos para intervenções terapêuticas, favorecendo o tratamento das dificuldades emocionais e afetivas originadas de relações disfuncionais marcadas pelo abandono paterno.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, exploratório e descritivo, com foco na investigação dos impactos do abandono paterno nas dinâmicas afetivas e emocionais de indivíduos adultos. A abordagem qualitativa foi adotada em razão da complexidade subjetiva e

psíquica que envolve o fenômeno da ausência paterna, exigindo uma análise aprofundada dos processos internos e das dinâmicas afetivas manifestadas na vida adulta. Como destacado na introdução, a ausência da figura paterna provoca repercussões significativas no desenvolvimento emocional e nas relações interpessoais, afetando tanto a construção da identidade quanto as expectativas e fantasias relacionadas ao amor e aos relacionamentos (Souza; Bezerra, 2020).

O caráter exploratório do estudo justifica-se pela lacuna identificada na literatura quanto às consequências psíquicas do abandono paterno, especialmente no que se refere à articulação entre as teorias psicanalíticas clássicas e os estudos contemporâneos sobre as repercussões desse abandono nas relações amorosas. A literatura aponta que, além das dificuldades emocionais observadas na infância, adultos que vivenciaram essa ausência tendem a repetir padrões disfuncionais em suas relações, como idealizações e projeções sobre o parceiro (Barrense; Gomes, 2024). O presente estudo busca, portanto, investigar essas dinâmicas, estabelecendo conexões entre os fundamentos psicanalíticos clássicos e as abordagens empíricas atuais.

A abordagem descritiva foi empregada com o intuito de detalhar como o vazio emocional decorrente da ausência do pai influencia as escolhas afetivas e as dinâmicas relacionais dos indivíduos. Tal abordagem permite uma compreensão mais abrangente do fenômeno, considerando as variáveis emocionais, psíquicas e sociais interligadas à ausência paterna (Bogdan; Biklen, 1994). Como discutido anteriormente, autores como Winnicott (1965) e Schwartz (2023) apontam que a ausência da figura paterna compromete o desenvolvimento psíquico, impactando a formação da identidade e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos saudáveis.

A coleta de dados foi realizada por meio de revisão bibliográfica, com base em fontes acadêmicas especializadas, conforme orientam Lemos e Ferreira (2023) quanto à importância de um levantamento criterioso de publicações científicas. A pesquisa priorizou a consulta a livros, artigos científicos, dissertações e teses, concentrando-se em obras que discutem a influência da figura paterna no desenvolvimento psíquico, bem como os efeitos de sua ausência na constituição da subjetividade e das relações afetivas na vida adulta. Dentre os principais autores selecionados estão Sigmund Freud, Jacques Lacan, Donald Winnicott e Melanie Klein, além de pesquisadores contemporâneos que abordam diretamente os impactos da ausência paterna nas relações amorosas, como Schwartz (2023).

A análise das obras selecionadas seguiu critérios de relevância teórica e rigor metodológico. As fontes escolhidas tratam de conceitos fundamentais para a psicanálise, como o complexo de Édipo, o superego, o nome-do-pai e o conceito de holding, considerados

essenciais para a compreensão do papel simbólico do pai na constituição psíquica e no desenvolvimento das relações afetivas. Além disso, foram incluídos estudos empíricos que relatam as consequências emocionais e comportamentais do abandono paterno, como a pesquisa de Barrense e Gomes (2024), que analisou os impactos dessa ausência em adolescentes e adultos.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Esse método permite a organização e interpretação sistemática do material, possibilitando a identificação de categorias temáticas emergentes a partir da revisão da literatura, com foco nas repercussões da ausência paterna para o desenvolvimento emocional e relacional do sujeito. Tal procedimento evidenciou como as dinâmicas afetivas relacionadas à ausência da figura paterna influenciam as escolhas amorosas e as projeções idealizadas sobre os parceiros, conforme delineado nas teorias psicanalíticas e respaldado por estudos contemporâneos (Schwartz, 2023).

Em síntese, a metodologia adotada busca aprofundar a compreensão dos efeitos psíquicos e emocionais da ausência paterna nas relações amorosas, contribuindo para o avanço da literatura psicanalítica contemporânea. Além disso, o estudo propõe-se a oferecer subsídios teóricos para futuras intervenções terapêuticas, considerando as implicações emocionais do abandono paterno na constituição das dinâmicas afetivas ao longo da vida.

3 A IMPORTÂNCIA DA FIGURA PATERNA NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

O abandono paterno é um fenômeno de significativa relevância psíquica e social, como discutido na introdução deste estudo. A ausência da figura paterna impacta de forma expressiva o desenvolvimento emocional, psíquico e relacional do indivíduo, com efeitos que se prolongam ao longo da vida adulta. A psicanálise tem se debruçado amplamente sobre o papel central do pai na constituição da subjetividade, oferecendo um arcabouço teórico consistente para compreender os efeitos da falta dessa presença fundamental. Sigmund Freud, precursor da psicanálise, foi o primeiro a explorar a importância do pai na formação do psiquismo infantil, perspectiva posteriormente aprofundada por autores como Melanie Klein, Donald Winnicott e Jacques Lacan.

Segundo Freud (1923), o pai desempenha a função de mediador entre os desejos instintivos da criança e as normas sociais, sendo essa mediação essencial para a constituição do superego, instância responsável pela internalização das regras morais e sociais. A ausência

paterna compromete esse processo, dificultando a regulação emocional e a construção de vínculos afetivos estáveis. Como aponta o autor (Freud, 1996a), a carência dessa figura resulta em uma “lacuna psíquica”, que interfere na formação de uma identidade coesa e amplia a vulnerabilidade a comportamentos disfuncionais nas relações amorosas.

Essa compreensão teórica encontra respaldo em estudos empíricos recentes, que destacam os impactos da ausência paterna nas dinâmicas amorosas e na constituição da subjetividade. A carência da figura paterna influencia diretamente as fantasias e expectativas afetivas, levando frequentemente à idealização do parceiro como tentativa inconsciente de suprir a ausência vivenciada. Barrense e Gomes (2024) identificaram que adolescentes e adultos que experienciaram o abandono paterno apresentam baixa autoestima, dificuldades de confiar nos outros e tendência à repetição de vínculos marcados por dependência emocional.

Melanie Klein (1991), ao discutir a formação do eu, enfatiza que a ausência do pai pode contribuir para a fragmentação psíquica, dificultando a construção de vínculos afetivos consistentes e favorecendo a emergência de fantasias inconscientes que obstaculizam a individuação. Essa ausência, segundo a autora, intensifica ansiedades de separação e gera insegurança relacional, comprometendo a capacidade de estabelecer vínculos duradouros. Damiani (2014) também destaca esse aspecto, ao apontar que o vazio deixado pela figura paterna é frequentemente projetado nas relações amorosas, manifestando-se por meio da idealização do parceiro e da busca por figuras substitutivas.

Donald Winnicott (1965), por sua vez, ao conceituar o "pai suficientemente bom", ressalta a importância da presença paterna no fornecimento de um ambiente seguro para o amadurecimento emocional da criança. A ausência dessa figura compromete as condições necessárias ao desenvolvimento de um self integrado, ampliando a dependência emocional nas relações afetivas adultas. Conforme destaca o autor, a fragilidade do ambiente emocional sem a presença paterna dificulta a consolidação de uma identidade segura, o que se reflete, na vida adulta, na dificuldade de estabelecer vínculos afetivos equilibrados e na busca recorrente por validação emocional no outro.

Jacques Lacan (1953) introduz a noção do *nome-do-pai*, conceito que representa a função simbólica da figura paterna na constituição do sujeito e sua inserção na ordem simbólica da linguagem e da lei. A ausência dessa função gera um vazio psíquico que compromete a estruturação da subjetividade, levando a padrões de busca afetiva frequentemente marcados por projeções nos parceiros amorosos. Para Lacan, a falta do *nome-do-pai* constitui uma falha estrutural no psiquismo, desorganizando as dinâmicas de desejo e afeto e predispondo o sujeito a vivenciar relações amorosas instáveis e insatisfatórias.

Estudos contemporâneos reforçam essa concepção. Schwartz (2023), ao investigar a ausência paterna no desenvolvimento emocional de meninas, argumenta que tal ausência engendra uma ferida psíquica profunda, que repercute significativamente nas dinâmicas amorosas ao longo da vida adulta. Segundo a autora, o vazio deixado pelo pai é frequentemente preenchido por idealizações e projeções direcionadas ao parceiro, gerando expectativas irreais e contribuindo para relações afetivas disfuncionais. Damiani (2014) corrobora essa perspectiva ao demonstrar como os traumas decorrentes da ausência paterna, quando internalizados, perpetuam padrões inconscientes de relacionamento marcados por carência, insegurança e repetição de vínculos não elaborados.

Essas contribuições teóricas, articuladas aos dados empíricos discutidos, reafirmam que a ausência da figura paterna tem implicações significativas tanto na constituição psíquica quanto nas experiências afetivas dos indivíduos. A metodologia deste estudo, baseada em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, visa justamente aprofundar essa compreensão. Trabalhos como os de Barrense e Gomes (2024) e Schwartz (2023) fornecem evidências que sustentam a análise psicanalítica sobre os efeitos emocionais do abandono paterno. Assim, ao articular conceitos fundamentais como complexo de Édipo, superego, nome-do-pai e holding, este estudo busca compreender as implicações dessa ausência para o desenvolvimento da subjetividade e para as dinâmicas afetivas que se constroem ao longo da vida.

4 A FUNÇÃO PATERNA E SEUS REFLEXOS NA AFETIVIDADE: ENTRE O SIMBÓLICO, A IDEALIZAÇÃO E A AUTONOMIA PSÍQUICA

A ausência ou falha na função paterna constitui uma das questões centrais na psicanálise, configurando-se como um dos maiores desafios para a formação psíquica do sujeito. Conforme discutido na introdução e no tópico anterior, a função paterna transcende a mera presença física, consistindo essencialmente em uma capacidade simbólica de estruturar o desejo e a identidade do sujeito. A psicanálise, por meio de autores como Freud (1923), Lacan (1953), Winnicott (1960) e Klein (1991), oferece uma compreensão aprofundada das repercussões dessa ausência, tanto na constituição da subjetividade quanto nas relações afetivas estabelecidas ao longo da vida. Quando o pai está ausente, seja fisicamente ou em sua função simbólica, instala-se um vazio psíquico que impacta diretamente a capacidade do sujeito de vivenciar o amor e os vínculos afetivos de forma saudável e equilibrada.

Sigmund Freud (1923), ao tratar do complexo de Édipo, enfatiza o papel fundamental da figura paterna para a constituição do superego, instância psíquica responsável pela internalização das normas sociais e culturais. Para Freud, o pai, mais do que um ser biológico, ocupa uma posição simbólica mediadora entre o desejo instintivo e as exigências da realidade. A ausência dessa função simbólica compromete a capacidade do sujeito de lidar equilibradamente com seus desejos, gerando distorções no funcionamento psíquico. Essa disfunção se expressa frequentemente na busca incessante por figuras substitutivas que preencham o vazio deixado pela ausência paterna. Todavia, a idealização dessas figuras, especialmente no âmbito dos relacionamentos amorosos, jamais supre integralmente essa lacuna, gerando expectativas irreais que frequentemente resultam em frustrações.

Jacques Lacan (1955) aporta uma contribuição essencial com o conceito do nome-do-pai, que representa a função simbólica do pai na constituição do sujeito dentro da ordem simbólica. Para Lacan, o pai não se reduz a uma presença física, mas é a instância que impõe a interdição do desejo, possibilitando a separação do sujeito do objeto primário desse desejo, a mãe. Essa interdição é fundamental para que o sujeito se constitua como um ser autônomo, capaz de lidar com os limites impostos pela realidade. A ausência do *nome-do-pai* configura, portanto, um vazio psíquico que inviabiliza a formação de uma relação madura com o desejo e com o outro. Tal ausência manifesta-se em fantasias amorosas idealizadas, que funcionam como tentativas de preencher essa falta estrutural. Essa dinâmica fica evidente nas relações afetivas, nas quais o parceiro é projetado como uma figura capaz de realizar um desejo que, na prática, é impossível de ser satisfeito. A análise de Schwartz (2023) corrobora essa perspectiva, discutindo como, na vida adulta, a falta de uma figura paterna sólida durante a infância leva o sujeito a buscar no parceiro características idealizadas, em detrimento de uma relação genuína e recíproca.

Por sua vez, Donald Winnicott (1965) enfatiza a importância da figura paterna no desenvolvimento emocional da criança, sobretudo na capacidade de lidar com a solidão e a frustração. Ao lado da mãe, o pai exerce a função de promover a separação da criança, criando o espaço necessário para o desenvolvimento da autonomia emocional. Quando essa figura está ausente, essa separação não ocorre adequadamente, e o sujeito permanece em constante dependência emocional do outro. Essa dependência tende a se manifestar nas relações amorosas, nas quais o indivíduo, incapaz de suportar a solidão e a frustração, busca no parceiro uma fonte de segurança emocional.

Como observam Barrense e Gomes (2024), indivíduos que cresceram sem a presença paterna frequentemente desenvolvem um vazio emocional que os leva a idealizar

excessivamente seus parceiros, acreditando que esses poderão suprir a estabilidade emocional que lhes faltou na infância.

A teoria de Melanie Klein (1952) amplia essa compreensão ao discutir os efeitos da ausência paterna na formação das primeiras fantasias inconscientes. Klein argumenta que a falta do pai pode resultar em um ego fragmentado, dificultando a integração equilibrada das experiências emocionais e afetivas. Essa ausência, especialmente nos primeiros anos de vida, contribui para o desenvolvimento de ansiedades de separação e fantasias de ataque e fuga, que podem levar o sujeito a estabelecer relações afetivas baseadas em padrões disfuncionais. Essas angústias não resolvidas manifestam-se numa busca constante por um amor capaz de preencher o vazio deixado pela figura paterna ausente.

Essa dinâmica pode culminar na idealização do parceiro como uma tentativa de resgatar a figura do pai, uma idealização que jamais será plenamente satisfeita, pois suas expectativas têm origem em fantasias infantis.

Em síntese, a ausência da figura paterna transcende a simples falta física do indivíduo e, conforme demonstram as teorias psicanalíticas e os estudos empíricos citados, configura um vazio psíquico com repercussões profundas na formação da subjetividade e nas relações afetivas. A busca por relações substitutivas, a idealização do parceiro amoroso e a distorção do desejo são alguns dos principais efeitos dessa ausência, manifestando-se nas dinâmicas amorosas de quem não conseguiu elaborar emocionalmente o abandono paterno.

Os estudos de Barrense e Gomes (2024) e Schwartz (2023) reforçam essa perspectiva, ressaltando que as idealizações representam frequentemente uma tentativa de suprir o vazio emocional deixado pela falta da função paterna. Tal dinâmica pode resultar em relações disfuncionais e na dificuldade persistente de estabelecer vínculos afetivos saudáveis e equilibrados ao longo da vida adulta.

4.1 A INFLUÊNCIA DA AUSÊNCIA PATERNA NA CONSTRUÇÃO DE FANTASIAS AMOROSAS

A ausência paterna exerce uma influência direta e marcante nas fantasias amorosas que o sujeito desenvolve ao longo da vida. Essas fantasias frequentemente carregam desejos infantis não resolvidos e são projetadas de forma distorcida nos parceiros amorosos. Freud (1996a) aponta o complexo de Édipo como uma etapa crucial no desenvolvimento psíquico, na qual a presença do pai é fundamental para estabelecer a interdição do desejo. Quando o pai está ausente, o sujeito não consegue realizar essa separação, e o desejo por um amor “total” e

incondicional torna-se uma constante na sua psique. Assim, o amor deixa de ser uma experiência de troca genuína entre sujeitos e passa a ser visto como uma tentativa de preencher o vazio deixado pela figura paterna ausente.

Esse fenômeno é frequentemente observado nas relações amorosas, onde o parceiro é idealizado como um ser capaz de suprir a falta da figura paterna. Sem perceber, o sujeito busca no parceiro uma figura de autoridade, proteção e cuidado; entretanto, por se tratar de uma idealização infantil, a relação tende a ser disfuncional. A busca por uma reparação emocional e afetiva, remetendo à infância, é característica recorrente nesses padrões comportamentais.

Lacan (1955) reforça que a ausência da função paterna conduz o sujeito a vivenciar o amor de maneira imatura e idealizada. A fantasia amorosa deixa de ser uma construção realista, transformando-se em uma projeção de um desejo infantil jamais plenamente satisfeito. A ausência do pai impede que o sujeito se constitua como sujeito do desejo e reconheça o desejo do outro, resultando em relações desestruturadas e dependentes. Na busca por um amor total, o sujeito investe no objeto de desejo de forma ilusória, inviabilizando o desenvolvimento de uma relação entre sujeitos iguais.

Winnicott (1958) contribui destacando que a ausência paterna dificulta o desenvolvimento da autonomia do sujeito. O “objeto de amor” torna-se uma projeção da figura paterna inexistente. Ao longo da vida, o sujeito desloca seu desejo para outros objetos, porém, em sua maioria, esses substitutos são inadequados para suprir a necessidade emocional de preenchimento simbólico. Assim, o parceiro amoroso torna-se alvo de expectativas irreais, refletindo a busca pela figura paterna que nunca foi internalizada de forma saudável. Em última instância, a ausência paterna alimenta um ciclo contínuo de idealização, no qual o sujeito jamais alcança satisfação plena, permanecendo na busca incessante pela figura do pai ideal.

4.2 A AUSÊNCIA PATERNA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CONSTITUIÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Partindo da idealização amorosa, é possível compreender como a ausência paterna se manifesta nos vínculos afetivos, uma vez que a constituição desses vínculos depende fundamentalmente das primeiras experiências de cuidado e separação das figuras parentais. Freud (1996a) ensina que o pai é essencial no processo de “castração simbólica”, que marca a entrada do sujeito na cultura e no mundo dos significados. Esse processo permite ao sujeito se separar da mãe e construir uma identidade própria, fundamentada em limites e normas. A

ausência do pai impede que essa separação simbólica ocorra adequadamente, gerando uma psique fragilizada que busca constantemente preencher o vazio deixado pela falta dessa figura.

Nas relações amorosas, isso se traduz em um padrão de busca por uma figura de autoridade frequentemente projetada no parceiro. Sem perceber, o sujeito busca no outro a figura do pai, idealizando-o e atribuindo-lhe qualidades fantasiosas e inalcançáveis. Tal idealização conduz a relações instáveis, nas quais o amor está condicionado a uma busca incessante por um “modelo de perfeição” jamais atingido. Como afirma Lacan (1998), a função paterna é essencial para que o sujeito desenvolva a capacidade de se desvincular da fusão com a mãe e do desejo infantil. Sem essa separação, o sujeito permanece imaturo em suas relações, projetando no outro expectativas não resolvidas da infância.

Winnicott (1965) complementa essa discussão ao destacar que a ausência do pai interfere diretamente na capacidade do sujeito de vivenciar a solidão de maneira saudável. O pai, enquanto figura de separação, possibilita que a criança experimente a frustração e a perda. Quando essa figura está ausente, o sujeito tende a desenvolver um medo profundo da solidão, buscando preencher esse vazio continuamente, frequentemente em relacionamentos desajustados.

Por fim, Melanie Klein (1991) complementa essa análise ao evidenciar que a ausência do pai compromete o desenvolvimento de objetos internos saudáveis. Incapaz de internalizar adequadamente a figura paterna, o sujeito vivencia seus vínculos afetivos como instáveis, projetando no parceiro uma figura indefinida e irreconhecível. Isso gera uma sensação constante de desamparo, que alimenta um ciclo de idealização e frustração nas relações amorosas.

4.3 A AUSÊNCIA PATERNA E OS DESAFIOS DA AUTONOMIA PSÍQUICA: ENTRE O DESEJO DO OUTRO E O DESAMPARO

Ao considerar a dificuldade em elaborar o desejo, somos conduzidos a um desafio ainda mais profundo: a construção da autonomia psíquica. A ausência paterna, entendida para além de sua dimensão factual, revela implicações estruturais fundamentais na constituição do sujeito. Do ponto de vista psicanalítico, é a função paterna, e não simplesmente a presença física do pai, que permite ao indivíduo se separar do desejo materno, ocupando uma posição própria no campo simbólico. Essa função atua como mediadora da entrada do sujeito na ordem da linguagem e do desejo, possibilitando o surgimento de uma existência que não se encontra completamente capturada pela demanda do Outro. Quando essa função se fragiliza, não se trata

apenas de uma carência afetiva, mas de uma limitação estrutural na capacidade do sujeito de sustentar-se como desejante e relativamente autônomo.

No pensamento de Freud (1996b), a constituição do sujeito envolve o reconhecimento da castração, ou seja, da falta e da impossibilidade de ocupar um lugar total no desejo do Outro. O pai, nesse sentido, opera como mediador dessa perda, promovendo a renúncia às fantasias onipotentes infantis. A ausência dessa mediação compromete o processo de simbolização e dificulta o amadurecimento emocional. Lacan (1998) reforça essa perspectiva ao afirmar que é o “Nome-do-Pai” que permite ao sujeito ingressar na cadeia significante, sustentando a diferença e a incompletude. Sem essa inscrição simbólica, o sujeito pode permanecer preso a fantasias de fusão ou abandono, oscilando entre dependência excessiva e recusa radical da alteridade.

É nesse ponto que as contribuições contemporâneas aprofundam o diagnóstico. A ausência ou fragilidade da função paterna conduz muitos sujeitos a um estado de heteronomia afetiva, no qual a autonomia psíquica é substituída pela busca constante de validação no olhar do outro. Essa busca manifesta-se sobretudo nas relações amorosas, nas quais o parceiro é investido como uma figura substitutiva do pai, uma tentativa inconsciente de restaurar uma função estruturante ausente na infância. A relação, assim, deixa de ser uma experiência entre dois sujeitos para se tornar uma sustentação narcísica, baseada na idealização e no medo do abandono.

Schwartz (2023) acrescenta que, nesses casos, o amor não é vivido como troca ou reconhecimento mútuo, mas como um esforço para tamponar o vazio deixado pela ausência da função paterna, vazio que o sujeito não conseguiu simbolizar. Em vez de lidar com a falta como constitutiva da subjetividade, o sujeito busca o “amor total”, uma experiência ilusória de completude que aprisiona o desejo e compromete a autonomia. Essa dinâmica confirma a importância clínica da interdição simbólica promovida pela função paterna, pois é justamente sua ausência que impede o sujeito de suportar a falta e de assumir a responsabilidade por seu próprio desejo.

Winnicott (1958) contribuiu ao destacar a “capacidade de estar só” como um indicador de amadurecimento emocional. Para ele, essa capacidade depende de uma presença parental suficientemente boa que permita ao sujeito diferenciar-se e confiar na própria existência. Quando o pai está ausente, seja física ou simbolicamente, essa função de sustentação é comprometida, levando o sujeito a construir um falso self, moldado para corresponder à expectativa do Outro, em detrimento de uma vida emocional autêntica.

Melanie Klein (1991) também oferece uma leitura clínica rica ao destacar que a ausência de uma figura paterna suficientemente estável pode manter o sujeito preso a posições psíquicas mais primitivas, como a esquizoparanóide. Nessas posições, o outro é vivido de forma fragmentada, ora idealizado, ora persecutório, dificultando a construção de vínculos afetivos estáveis. A ausência da função paterna impede a transição para a posição depressiva, na qual o sujeito reconhece a ambivalência e a alteridade do objeto amado. Sem essa integração, os relacionamentos tornam-se marcados por projeções excessivas, desconfiança e dependência emocional.

Do ponto de vista ético e simbólico, a ausência paterna fragiliza a constituição do superego e do senso de responsabilidade subjetiva. Conforme Freud já apontava, a função do pai está diretamente ligada ao desenvolvimento da consciência moral e à capacidade de renunciar a impulsos imediatos em nome da convivência social. Assim, na falta dessa referência simbólica, muitos sujeitos permanecem capturados pela demanda do Outro, incapazes de sustentar escolhas autônomas, comprometendo assim a construção de um eu ético e responsável.

Dessa forma, ao abordar os efeitos da ausência paterna sob a ótica da autonomia psíquica, torna-se evidente que a função paterna vai muito além da imposição de regras ou da autoridade familiar. Trata-se de uma operação simbólica fundamental, que permite ao sujeito separar-se do Outro, reconhecer a falta, sustentar o desejo e assumir responsabilidade por sua vida subjetiva. A ausência dessa função não apenas fragiliza os vínculos afetivos, mas também compromete a constituição de uma identidade autêntica, marcada pela capacidade de desejar e posicionar-se no mundo de forma singular. A escuta clínica contemporânea, como demonstrou Schwartz, confirma que essa ausência permanece como um dos principais impasses subjetivos em nossa cultura, especialmente no campo das relações amorosas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da função paterna sob a ótica da psicanálise revela que sua ausência ultrapassa a esfera familiar ou afetiva, envolvendo implicações estruturais profundas na constituição do sujeito. Conforme delineado por Freud, Lacan, Winnicott e Klein, a função paterna opera como um eixo simbólico que possibilita a inscrição do sujeito na ordem do desejo, da lei e da alteridade. Ela não apenas introduz a castração simbólica, mas também inaugura a possibilidade de diferenciação em relação ao Outro primordial, abrindo espaço para o surgimento de uma subjetividade autêntica.

A ausência ou fragilidade dessa função se manifesta em múltiplas formas de sofrimento psíquico: idealização amorosa, dependência afetiva, dificuldade em lidar com a falta e em estabelecer vínculos estáveis e autônomos. Essa ausência impede que o sujeito realize o luto da completude narcísica, mantendo-o preso a fantasias de fusão ou onipotência, que se refletem intensamente nas dinâmicas amorosas, onde o parceiro é frequentemente investido como objeto substitutivo de uma função psíquica ausente.

Autores contemporâneos, Schwartz (2023), ampliam e atualizam a escuta clínica, demonstrando que a ausência da função paterna continua a deixar marcas estruturais no psiquismo dos sujeitos na contemporaneidade. Em um contexto em que os papéis parentais são cada vez mais fluidos e as configurações familiares mais complexas, a noção de função, e não apenas de presença, ganha centralidade. O sujeito que cresce sem a simbolização dessa função tende a se constituir de maneira mais vulnerável diante das perdas, dos limites e das exigências da realidade.

Dessa forma, o estudo da função paterna ultrapassa o debate teórico ou histórico e convoca uma escuta clínica atenta aos efeitos psíquicos da ausência simbólica do pai, especialmente em sua relação com o desejo, o amor e a autonomia. O desafio contemporâneo é pensar como essa função pode ser simbolizada em diferentes configurações familiares e sociais, permitindo que o sujeito se separe do Outro, elabore a falta, deseje com maior liberdade e construa uma existência mais singular e eticamente sustentada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRENSE, G. V. P. .; GOMES, M. L. As implicações psicológicas advindas da ausência paterna: uma revisão de literatura. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. e34972, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/34972>. Acesso em: 6 mai. 2025.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CHERER, E. Q.; FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A. Função paterna em Lacan: análise de dois casos na ausência do genitor. **Estilos da Clínica**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, p. 505–516, 2024. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v29i3p505-516. Disponível em: <https://revistas.usp.br/estic/article/view/217269>.. Acesso em: 6 mai. 2025.

DAMIANI, C. C. **A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos**. 2014. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Terapia de Casal e Família,

Unidade de Educação Continuada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5661/Camila+Ceron+Damiani_.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 maio 2025.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Padrões familiares e a ausência paterna no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 mai. 2025.

KLEIN, M. O desenvolvimento emocional primitivo. In: KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1953.

LACAN, J. **O seminário, livro 3**: As psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LEMOS, L. H. A.; FERREIRA, T. A. S. Revisões integrativas em Psicologia: modelos, definições e características. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v. 31, n. 1, p. 77-86, jan.-jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/download/674/650/2017>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCHWARTZ, S. E. **O efeito da ausência do pai nas filhas**: desejo paterno, ferida paterna. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, J. C. P.; BEZERRA, Fabiana Souza. A ausência paterna e as repercussões no desenvolvimento do adolescente. **Textos e Debates**, [S. l.], v. 26, n. 02, p. 168–185, 2020. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v26i02.7698. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/7698>. Acesso em: 20 mar. 2025.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Imago, 1965.